

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei
24, 25 e 26 de setembro de 2014
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

Livre de Crueldade: Não-Consumo, Veganismo e Identidades

Jhessica Reia¹

Resumo

Diante de um consumo crescente de produtos de origem animal, do questionamento dos impactos ambientais da pecuária e da discussão política sobre a crueldade gerada nessas relações de consumo, tanto o vegetarianismo quanto o veganismo vem ganhando força no país. Produtos “livres de crueldade” (como geralmente são conhecidos os produtos veganos) começam a se proliferar pelos mercados, aumentando a oferta de alimentação, vestuário, entretenimento, etc. entre seus adeptos. O veganismo está historicamente ligado à algumas cenas e subculturas musicais, tornando-se parte integrante da identidade de seus integrantes. Um exemplo a se destacar é o movimento straight edge, que aparece no Brasil no início dos anos 1980, derivado do punk, mas se opõe ao consumo de álcool e drogas na cena; logo depois o vegetarianismo/veganismo acabou sendo incorporado como um fator essencial à delimitação da identidade straight edge, assim como a militância pela causa animal, presente em músicas, roupas e na alimentação cotidiana desses jovens. Aqui o objetivo é discutir como o não-consumo inerente ao veganismo constitui a identidade dos jovens straight edge da subcultura paulistana, e suas estreitas relações com o não-consumo de álcool e drogas. Através de pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2013, busca-se mostrar algumas percepções, dúvidas e entendimentos acerca dessas escolhas vistas como tão restritivas pela maioria da sociedade.

Palavras-chave: Veganismo; Não-consumo; Straight edge.

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e pesquisadora do Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (CTS-FGV). E-mail: jhereia@gmail.com

1 - Introdução

A busca por uma alimentação saudável e equilibrada está cada vez mais em pauta, entranhada nos meios de comunicação e nos discursos hegemônicos da medicina tradicional. Diferentes dietas aparecem periodicamente prometendo emagrecimento rápido ou uma saúde impecável, e nesse processo alimentos passam com bastante fluidez do papel de vilões ao status de benéficos à saúde, e vice-versa. Com tantas informações, tendências, discursos e opções, aspectos políticos e éticos não deixam de ser elementos importantes nesse processo de legitimação das formas de alimentar-se.

Diante de um consumo crescente de produtos de origem animal, do questionamento dos impactos ambientais da pecuária e da discussão política sobre a crueldade gerada nessas relações de consumo, tanto o vegetarianismo quanto o veganismo vem ganhando força no país (segundo uma pesquisa do Ibope de 2012, 8% da população brasileira se declara vegetariana²). O vegetarianismo consiste em uma dieta que rejeita o consumo de todos os tipos de carne das refeições diárias; já o veganismo transcende o aspecto da mera ingestão de alimentos, se aproximando mais de uma filosofia de vida baseada na ética do não-consumo de qualquer produto de origem animal (comida e vestuário, por exemplo), que tenha sido testado em animais (como cosméticos e remédios) ou que envolva a exploração deles em algum grau (como circos e zoológicos).

Produtos “livres de crueldade” (como geralmente são conhecidos os produtos veganos) começam a se proliferar pelos mercados, principalmente nas grandes cidades, e já se fala na “primavera vegana” do Brasil³. São Paulo, por exemplo, tem se consolidado como uma cidade que acolhe muito bem os veganos, com diversas opções de alimentação, vestuário, entretenimento, etc., e que está historicamente ligada às cenas e subculturas musicais que têm o veganismo como parte constituinte de suas identidades.

Um exemplo a se destacar é o movimento straight edge, que aparece no Brasil no início dos anos 1980, derivado do punk mas se opondo ao consumo de álcool e drogas na cena; logo depois o vegetarianismo/veganismo acabou sendo incorporado como um fator essencial à delimitação da identidade straight edge, assim como a militância pela causa animal, presente em músicas, roupas e na alimentação cotidiana desses jovens. Aqui o objetivo é discutir como o não-consumo inerente ao veganismo constitui a identidade dos jovens straight edge da subcultura paulistana, estreitamente ligados ao evento intitulado Verdurada – festival que acontece periodicamente e tem apresentação das bandas da(s) cena(s) de hardcore punk, palestras políticas e alimentação vegana (para comprar

² Ver: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/dia-mundial-do-vegetarianismo-8-da-populacao-brasileira-afirma-ser-adepta-ao-estilo.aspx>>, acessado em 19 de julho de 2014.

³ Ver: <<http://oglobo.globo.com/economia/emprego/empreendedorismo/primavera-vegana-chega-ao-brasil-12492515>>, acessado em 19 de julho de 2014.

ao longo do dia ou o jantar distribuído gratuitamente ao fim da noite). Através de pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2013, busca-se mostrar as percepções, dúvidas e entendimentos acerca dessa escolha alimentar vista como tão restritiva pela maioria da sociedade, mas que vem crescendo em diversos lugares do mundo. Além disso, discute-se como a opção pelo veganismo nem sempre se aproxima de uma “vida saudável” e de como essa escolha pode afetar as relações sociais, familiares e profissionais desses jovens.

2 - Straight edge: música e sobriedade na cena hardcore punk

Historicamente, o straight edge esteve intimamente ligado ao hardcore e punk, mas a partir da década de 1980 passa a se diferenciar através de sua oposição (às vezes militante) contra o uso de drogas e álcool, assim como das práticas de sexo ditas promíscuas. Com o passar dos anos, também ficaram conhecidos pelo engajamento político e pelo estilo de vida vegano/vegetariano contrários às formas de exploração animal. Para Wood (2006, p.6-7), que estudou a subcultura nos Estados Unidos da América – onde surge primeiramente o straight edge – esse meio é caracterizado como predominantemente masculino, bastante jovem (poucas pessoas acima dos 30 anos), característico de centros urbanos, e um fenômeno de pessoas de classe média, caucasianas. Surge no início da década de 1980 em Washington D.C., tendo como precursora a banda Minor Threat, de Ian MacKaye – que passava através das músicas suas percepções e escolhas pessoais em relação ao uso de álcool e drogas, mobilizando uma massa crítica na cena punk estadunidense. Todos os autores que se dedicaram a estudar essa subcultura acreditam, através de suas pesquisas e observações, que tanto a cena musical quanto a música em si são os pontos principais da subcultura straight edge, sendo que os próprios shows são espaço de consumo:

Performances musicais permitem aos straight edge visitar uns aos outros, formar novos laços de redes, ouvir música straight edge, pogar e dar mosh, e comprar mercadorias, como CD's, discos e camisetas (...). Assim como shows e discos disponíveis comercialmente, “transmissores culturais” cruciais tais como fanzines/revistas e sites straightedge ajudam a unir a cultura straight edge nacional e internacionalmente. (WOOD, 2006, p.9, tradução minha)

Um dos principais símbolos da cultura straight edge é a letra X, ou objetos dispostos de forma a parecer um X. Vários autores discutem a origem da conexão entre o símbolo X e a subcultura straight edge; o próprio MacKaye explica que essa conexão surgiu em Washington D.C., em sua cena hardcore punk, na década de 1980: o X era uma marcação feita nas mãos de menores de idade para que eles pudessem ser admitidos em shows que ocorriam em lugares que comercializavam bebida alcoólica (WOOD, 2006, p.115-116). Assim sendo, o X não surge como um símbolo próprio

do movimento straight edge, mas como um elemento prático de diferenciação para os menores; ao mesmo tempo, o símbolo ajudava os donos desses lugares a não infringirem nenhuma lei local. Aos poucos, o X assume outros significados⁴, sendo que mesmo o pessoal maior de idade continuava indo aos shows com um X marcado na mão, para demonstrar solidariedade ao conceito e à escolha dos que não consomem álcool. A prática de marcar o X na mão acabou popularizada pela capa do disco *Minor Disturbance*, do Teen Idles, em 1980 (HAENFLER, 2009, p.7-8). Mesmo que tenha surgido a partir do desejo de adolescentes de verem suas bandas favoritas tocarem, o movimento straight edge aparece primeiramente como resposta às tendências niilistas do 'live fast, die young', muito difundidas na cena punk até então:

Os jovens que formariam a emergente cena sXe apreciavam a mentalidade de “questione tudo” do punk, sua energia crua, estilo agressivo e atitude faça-você-mesmo, mas não se atraíam pelo hedonismo da cena, nem pelo mantra “sem futuro”. Os fundadores do straight edge adotavam uma ideologia de “viver limpo”, se abstendo de álcool, tabaco, drogas ilícitas e sexo promíscuo. Os primeiros jovens sXe viam a rebelião auto-indulgente do punk como uma ausência de rebelião verdadeira, sugerindo que, em muitas formas, os punks reforçavam o estilo de vida intoxicado do *mainstream*, disfarçados com moicanos e jaquetas de couro. Para muitos garotos sXe, estar limpo e sóbrio era a expressão última do ethos punk, um ato de resistência que desafiava tanto a cultura *mainstream* adulta quanto a jovem. (HAENFLER, 2009, p.8-9, tradução minha)

O sucesso da canção “Straight Edge”, da banda Minor Threat, no início da década de 1980, mostra a ampla adesão de jovens aos ideais proferidos por Ian MacKaye, e segundo relatos coletados por Wood (2006, p.98), já havia um descontentamento de jovens com a cena punk, principalmente em relação ao niilismo e ao consumo de álcool e drogas:

I'm a person just like you / But I've got better things to do / Than sit around and fuck my head / Hang out with the living dead / Snort white shit up my nose / Pass out at the shows / I don't even think about speed / That's something I just don't need / I'VE GOT STRAIGHT EDGE⁵ (MINOR THREAT, 1981)

A música acabou sendo propulsora do movimento straight edge, ao falar que existem coisas melhores a se fazer do que se drogar, abarcando um sentimento já latente na cena. Wood (2006) acredita que antes que MacKaye articulasse formalmente o conceito de straight edge, já havia sentimentos desse tipo no ethos do punk americano; a música “Straight Edge” acaba por ser a ignição que faltava nesse cenário e o transforma em um movimento; a partir desse momento, diversos punks descontentes com os valores da cena se apropriam desse conceito e o utilizam como

⁴ É interessante notar que o principal símbolo do straight edge tem sua provável origem em uma relação de não-consumo.

⁵ Eu sou uma pessoa como você / Mas eu tenho coisas melhores pra fazer / Do que ficar por aí e ferrar minha cabeça / Sair por aí com os mortos vivos / Cheirar merda branca pelo nariz / Apagar nos shows / Eu nem penso sobre anfetamina / Isso é algo que eu simplesmente não preciso / EU TENHO O STRAIGHT EDGE.

um meio de rearticular o significado de punk e validar/contestar a autenticidade do que é ser um *punk rocker* (WOOD, 2006, p.99-100).

De certa forma, além de surgir como uma oposição aos valores vigentes na cena punk, o straight edge também se coloca como resistência ao uso de drogas e álcool pela cultura jovem *mainstream*. Muitos dos entrevistados por Wood (2006), incluindo MacKaye, relatam sua dificuldade em se inserir em grupos juvenis das escolas que frequentavam, por não querer incorporar o hábito de consumir drogas e álcool às suas vidas. Há uma ampla discussão sobre a necessidade dos jovens em fazer parte de grupos específicos, de se encaixar nos padrões esperados por seus pares, além da imagem compartilhada por todos de que beber e se drogar é como um ritual de passagem e hábitos a serem adquiridos a fim de entrar na vida adulta e se manter dentro do comportamento esperado pelos demais, podendo assim ser um integrante do grupo (WOOD, 2006, p.101). Portanto, a aversão a essa cultura jovem preponderante acaba sendo um fator que impulsiona adolescentes a seguirem os valores straight edge. Para algumas pessoas, estar fora dessa cultura hegemônica fazia com que se sentissem alienados ou excluídos pelos seus pares, mas o conceito de straight edge vem dar respaldo às suas escolhas, um sentido no qual se apoiar, e certa dignidade para seu estilo de vida.

Entretanto, há um lado desse cenário pouco discutido: ao mesmo tempo em que resiste à cultura *mainstream* que a cerca, toda subcultura straight edge também recebe reforço positivo (*positive reinforcement*) de outros fenômenos culturais externos. O mais evidente deles é a coincidência temporal entre a emergência e o desenvolvimento da subcultura straight edge e a política de “Guerra às drogas” (WOOD, 2006, p.103) realizada pelo governo estadunidense no início da década de 1980. Segundo Wood (2006), mesmo com estudos mostrando que o consumo de drogas era relativamente menor nos anos 1980 em relação aos anos 1970, a política dos Estados Unidos (representada principalmente por Ronald Reagan) reforçou a ideia de combate ao consumo ilegal de drogas no país, que logo se materializou em leis e *enforcement*. Esses sentimentos tão publicizados e persuasivos acabaram influenciando outras esferas, como a subcultura straight edge. De acordo com Wood (2006, p.106-107), as semelhanças entre essas duas formas culturais ficam ainda mais evidentes ao se comparar o discurso de combate às drogas com o conteúdo de letras straight edge do período; ambos os discursos retratam drogas, usuários e traficantes como ameaças ao tecido moral e social do país. E ao mesmo tempo em que o combate às drogas na cultura *mainstream* colocava em pauta um “endurecimento contra o crime” realizado pelos envolvidos com o tema, alguns elementos da subcultura straight edge também exteriorizavam uma violência extrema contra aqueles que de alguma forma se envolvessem com drogas. É preciso salientar que esse cenário de combate às drogas não criou o straight edge, nem foi um dos alicerces do movimento; na verdade, a dinâmica desse período e de seus ideais serviu como um ambiente de apoio para que o fenômeno florescesse

e despertasse em muitos jovens a consciência sobre os problemas relacionados ao consumo de drogas ilícitas (WOOD, 2006, p.107). Era uma campanha tão permeada nos meios de comunicação da época, que seria difícil que muitos dos jovens não absorvessem ao menos fragmentos da retórica difundida.

Dessa forma, o tema recorrente de drogas nas letras das músicas straight edge, assim como o aparecimento do chamado *hardline*⁶ no fim da década de 1980 pode pelo menos refletir parcialmente a influência desse ethos cultural de combate às drogas criado pelo governo. Ao mesmo tempo, é importante notar que a subcultura manteve certo nível de diferenciação, como por exemplo, incluindo substâncias legais em sua concepção de drogas e ao usar violência ilegal para combater aqueles tidos como inimigos (WOOD, 2006, p.110-111).

Haenfler (2009) destaca que o âmago da identidade straight edge sempre esteve no não-consumo de álcool, nicotina e drogas ilegais, mas ao redor do mundo e dentro das próprias cenas existem variações consideráveis sobre essas interpretações e até que ponto vai a abstinência e o “viver limpo”. Por exemplo, existem discussões sobre o consumo de caféina, o uso de produtos de origem animal, e a conduta sexual das pessoas. Da mesma forma, a política dentro desse contexto varia muito, indo da extrema esquerda a um conservadorismo exacerbado, passando pelo anarquismo. Algumas das críticas mais comuns ao straight edge se dirigem ao seu radicalismo (para qualquer um dos lados), à predominância masculina, ao comportamento violento, e ainda, à intolerância e inabilidade em desgrudar seus princípios de sobriedade do discurso puritano e moralista (KUHN, 2010, p.14). Mas dentre essa realidade, surgiram inúmeros exemplos de straight edgers coerentes, ativistas e positivos, lutando por comunidades mais igualitárias.

3 - Valores centrais e a relação com a bebida e a comida

Muitos autores destacam os valores centrais do straight edge, e Haenfler (2009, p.35-37) é um dos que melhor sistematiza posicionamentos e ideias que são encontrados em subculturas sXe – pois apesar das tendências irem e voltarem rapidamente entre os jovens, é fácil identificar alguns princípios que sobrevivem ao passar do tempo e à localização geográfica. Deve-se, contudo, levar em conta que mesmo dentro de uma cena os valores são diferentes, já que os indivíduos tem interpretações diferentes do que é ser straight edge. Alguns valores transcendem essas diferenças, como o “Viver positivamente/limpo”. Esse é certamente o valor central do straight edge, sendo que

⁶ São chamados de *hardline* os militantes straight edgers que pregam as regras da sobriedade como estilo de vida a ser seguido e que muitas vezes usam a violência para hostilizar aqueles que “saíam da linha” ou se portavam como “inimigos”.

uma vida “limpa”, ou seja, o não-consumo de drogas (lícitas e ilícitas) é o que fundamenta uma vida positiva. O “viver positivamente” inclui o questionamento e a resistência às normas da sociedade, ter um ponto de vista otimista sobre a vida, tratar as pessoas com respeito e dignidade, e agir para tornar o mundo um lugar melhor (HAENFLER, 2009, p.36-37). O principal argumento dos straight edgers é que ninguém conseguirá questionar a sociedade dominante caso esteja sob influência de drogas – e ao se questionar as convenções sociais, usar essas substâncias já não faria mais sentido; se recusar a consumir drogas tem muitos significados entre os indivíduos sXe, que inclui purificação, autocontrole, ou mesmo não querer seguir padrões de uso dessas substâncias presentes em suas famílias (HAENFLER, 2009, p.36-37).

Muitos straight edgers, principalmente as garotas, se sentem empoderadas e se alegram do fato de que nunca acordarão depois de uma noite de bebedeira sem saber o que aconteceu, ou quem é a pessoa dormindo ao lado. De um modo geral, a visão sXe sobre a abstinência se coloca como um desafio coletivo, uma vez que o grupo oferece meios visíveis de se separar da cultura jovem hegemônica, e de outras subculturas (HAENFLER, 2009, p.36-38).

Outro valor central é o “Para a vida toda” (*True Till Death*), que significa que o compromisso de viver limpo e positivamente é feito para toda a vida, sendo que muitos tratam a abstinência e a adoção de uma identidade sXe como um voto sagrado ou uma promessa – fazendo poucas exceções à essa regra (HAENFLER, 2009, p.40). Entretanto, de acordo com Haenfler, mesmo com as promessas de “*stay true till death*” (seja verdadeiro até a morte), são poucos os straight edgers que conseguem manter a identidade após os vinte anos de idade. Quando essas pessoas começam a beber, fumar ou usar drogas são tratados como “vendidos” (*sellouts*) ou como alguém que “caiu” (HAENFLER, 2009, p.40) – e são vistos com desapontamento e/ou desprezo por aqueles que mantêm seu posicionamento livre de drogas.

Também vale ressaltar o “Envolvimento em mudanças sociais” (*social change*) como um valor central. Straight edgers acabam se envolvendo em uma ampla variedade de causas sociais, por mais que muitos deles acreditem que agir por mudanças sociais não seja um pré-requisito para ser sXe – muitos veem esse envolvimento como uma evolução natural de viver limpo, já que a mente das pessoas fica aberta aos problemas que as cercam. É também considerável, principalmente na cena brasileira, o envolvimento das pessoas com causas sociais e lutas políticas (HAENFLER, 2009, p.51). Por exemplo, o veganismo como instrumento de transformação social foi amplamente difundido, particularmente por bandas como Earth Crisis, e acabaram ganhando inúmeros adeptos dentro do sXe:

Em meados e final dos anos 1980, o sXe tornou-se mais preocupado com os direitos dos animais e as causas ambientais. Líderes influentes em algumas bandas clamaram por um fim da crueldade contra animais e por uma percepção geral para

a eco-destruição (...). O veganismo tornou-se uma parte significativa do sXe no final dos anos 1990, quando muitos straight edgers passaram a se importar tanto quanto se importavam com a libertação da influência das drogas e do álcool. Muitos sXe vegans passaram a se identificar como 'vegan straight edge' e algumas bandas passaram a se identificar como 'vegan straight edge', ao invés de simplesmente straight edge. (HAENFLER, 2009, p.53, tradução minha)

Alguns straight edgers se envolviam em outras causas sociais, e organizavam shows, doações de alimentos e dinheiros, assim como participavam de protestos – com destaque para os protestos contra o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional entre os anos 1999-2000. De acordo com Haenfler (2009, p.56), straightedgers escolhem aplicar seus princípios na vida cotidiana, ao invés de se engajar em movimentos políticos mais institucionalizados (como partidos, petições e desobediência civil), e nas palavras do autor, no movimento straight edge: *'the personal is political'* (“o pessoal é político”, em tradução livre).

Além dos valores centrais do sXe, existem outros pontos que estão intimamente ligados à subcultura – em umas cenas mais do que em outras. Um grande exemplo de princípio amplamente difundido, o *do-it-yourself* (DIY), que reflete a busca por autonomia dos jovens, assim como a intenção de evitar fazer música orientada pelo lucro. Dessa maneira optam por promover suas bandas, shows, e discos por eles mesmos ou através de companhias muito pequenas, tentando não se vender de forma alguma (HAENFLER, 2009, p.24). No Brasil, veganismo e DIY são dois valores fundamentais da subcultura straight edge.

4 - Verdurada e o straight edge no Brasil

Pouco tempo depois de seu surgimento, o straight edge se espalhou por vários lugares do mundo, tendo sua primeira referência no Brasil em 1982, com o lançamento do disco punk intitulado *Grito Suburbano*. São Paulo possui uma das maiores cenas de hardcore punk do mundo e com o aparecimento da subcultura straight edge nos anos 1980 vem tendo um papel de destaque no cenário internacional, principalmente com a Verdurada – festival straight edge organizado pelo Coletivo homônimo, acontecendo periodicamente desde 1996. A Verdurada consiste em um festival com apresentação de bandas (em sua maioria de hardcore punk) e palestras sobre assuntos políticos, além de oficinas, debates, exposição de arte e vídeos, tudo buscando mostrar conteúdos políticos e ditos divergentes. Ao fim de todos os shows é distribuído um jantar vegano gratuito. Esse coletivo é tido como o mais relevantes do DIY brasileiro, e um dos que mais se destacam no mundo, por todas as suas particularidades: consegue unir sob o mesmo grupo bandas de hardcore punk, veganos e straight edgers, aliados à ética do DIY em todos os âmbitos possíveis. É considerado o mais

importante evento do calendário faça-você-mesmo brasileiro, que segundo seus organizadores é um dos únicos festivais independentes no Brasil que tem lotação esgotada. A organização do evento é totalmente feita pela própria comunidade straight edge de São Paulo, que se encarrega tanto do contato com as bandas e palestrantes, quanto da locação do espaço, contratação dos equipamentos de som e da divulgação. É proibida a entrada com álcool, cigarros e produtos de origem animal. Segundo o próprio coletivo, os objetivos de quem organiza a Verdurada são basicamente dois:

1. Mostrar que se pode fazer eventos exitosos sem o patrocínio de grandes empresas, nem divulgação paga na mídia;

2. Levar até o público a música feita pela juventude “raivosa” e as ideias e opiniões de pensadores e ativistas divergentes da cultura *mainstream*.

Os festivais acontecem periodicamente, sem lugar fixo, mas sempre próximos ao transporte público da cidade, para que todos possam usufruir dele – e para isso, os shows são ao longo da tarde e até às 22h, pois assim os frequentadores tem a possibilidade de ir embora de metrô e ônibus. Além dos shows, existe a venda de comida vegana ao longo do dia; também vale destacar a presença de diversos selos DIY e independentes, que montam bancas dentro do evento para vender seus produtos, que vão desde discos a camisetas e outros acessórios. Esses festivais congregam inúmeras bandas, sendo que a maior parte delas está à margem do que usualmente se chama de independente e do processo de empreendedorismo no mercado da música e seus novos modelos de negócio. Muitas delas simplesmente não desejam se integrar ao mercado da música e à comercialização em maior escala do que produzem.

Tanto o veganismo quanto a sobriedade estão presentes no cotidiano da subcultura straight edge, seja nos hábitos, nos lugares que frequentam, ou mesmo nas letras das músicas de bandas ligadas à cena, como Still X Strong:

Why can't you be vegan? / Yeah, right / V-E-G-A-N, VEGAN! / This is what I live, this is what I say! / Cryin' won't help, praying won't do no good! / To those that are suffering, tortured and caged / Exactly the point your life can't reach / This is the place where we separate⁷ (*STILL X STRONG - Why can't you be vegan?*)

A comida vegana é um dos elementos principais da Verdurada e tanto os cartazes quanto a divulgação do festival por meios eletrônicos sempre salientam que não é permitida a entrada de produtos com origem animal. Se engana quem pensa, de maneira bastante ingênua, que somente se consomem alimentos saudáveis, como verduras, saladas e frutas nesse evento – alusão feita

⁷ Por que você não pode ser vegano? / Sim, certo. / V-E-G-A-N-O, VEGANO! / Isso é o que eu vivo, isso é o que eu digo / Chorar não vai ajudar, rezar não fará nenhum bem! / Para aqueles que estão sofrendo, torturados e enjaulados / Exatamente o ponto que sua vida não pode atingir / Este é o ponto em que nos separamos.

geralmente em reportagens da mídia tradicional. Na verdade, como já havia notado Bittencourt (2011), os alimentos comercializados costumam ser calóricos. Por exemplo, na Verdurada do dia 29 de janeiro de 2012, o cardápio era o seguinte: hambúrguer de soja, quibe, coxinha de soja ou palmito, esfirra de soja, pão de queijo vegano, alfajores, palha italiana e pavê de amendoim. Para beber, água e *Mupy*⁸. As opções veganas para alimentos que normalmente levam produtos de origem animal tem aumentado bastante nos últimos anos e na cidade de São Paulo existem muitas pessoas fazendo bolos, panetones, salgados para festas, pizzas, e tudo mais que se pode imaginar, por encomenda. Algumas dessas pessoas acabam montando uma banquinha na Verdurada, vendendo desde cupcakes à bolos e torta de jaca, sendo algo bastante ligado ao DIY – a comida geralmente não é fornecida por nenhum buffet ou restaurante, e sim pelas pessoas que se interessam em prepará-la e cozinhá-la para levar no dia do evento.

A alimentação vegana e as novidades que às vezes aparecem na Verdurada acabam atraindo certo público cuja principal motivação para ir é a comida. A comida também representa, para muitos, um ato de interação social e de afirmação de uma escolha de vida; mesmo tendo o jantar no final do evento, muitos acabam comendo todo tipo de doces e salgados ao longo (ou no intervalo) das performances musicais. Os preços dos produtos vendidos são baixos, já que isso é uma regra para poder comercializar produtos ali: preços populares. Os mesmos produtos vendidos em outros estabelecimentos, como na Rua Augusta, costumam custar mais, quase o dobro.

Os jovens compartilham uma ação que parece ser trivial – se alimentar - mas que no fundo pauta a vida de todos que escolhem atrelar essa escolha à outras (como a de ser straight edge ou de se ligar aos grupos *hare krishna*) e que implica uma ideia de resistência e mudança de mundo.

O jantar também é um momento de confraternização em que as pessoas saem do último show da noite (às vezes saíam antes dele terminar) e fazem uma fila na rua, em frente ao estabelecimento, para garantir sua porção. A comida consiste geralmente de legumes e grãos, servidos em embalagens descartáveis, sendo preparada e distribuída pelos *hare krishnas*. Segundo Bittencourt, na primeira vez que pegou a fila do jantar de uma Verdurada:

Na fila, enquanto esperava a minha vez, observava atentamente os jovens, suas expressões, as conversas, e a impressão que me foi passada naquele instante era que as pessoas não estavam tão interessadas na comida, mas sim no momento de encontro que o jantar proporcionava. Como se mais gostoso do que saborear o alimento oferecido, fosse sentar ao lado do amigo ou da amiga e poder conversar entre uma colherada e outra, o jantar, dessa maneira, aparecia como mediador de encontros. (BITTENCOURT, 2011, p. 199)

⁸ *Mupy* é uma bebida à base de leite de soja, com diversos sabores.

Bittecourt (2011) conta que quando fez sua pesquisa de campo, a comida continuava sendo feita pelos hare krishnas, como no início da Verdurada. O que observei, é que no espaço do Ego Club⁹, por exemplo, a comida era servida na rua e não haviam muitas possibilidades para que os jovens sentassem – o que não impedia que eles se reunissem encostados nas paredes ou em rodas próximas da mesa com as panelas para conversarem. Nem todos participavam do jantar (que geralmente acumulava uma fila enorme para pegar a comida), mas era visível a importância dessa experiência para os frequentadores que ficavam.

Em relação aos frequentadores, tentou-se abordar a percepção sobre o veganismo na subcultura, considerado essencial pelos membros do coletivo e organizadores da Verdurada, que desde o princípio teve um claro viés de proteção aos direitos animais – e não permite que se ingresse no evento com produtos de origem animal. Pode-se constatar que a maior parte das pessoas que frequentam a Verdurada possuem um entendimento significativo do que seria pertencer a esse grupo, apesar de quando perguntadas sobre a posição individual sobre o veganismo, a maior parte dos respondentes não se considerar vegano.

Há um circuito de locais e estabelecimentos que oferecem comida e produtos veganos, que giram basicamente em torno do consumo de algum tipo de produto, e onde é possível encontrar os straight edgers, para além da Verdurada – como sorveterias, restaurantes, lanchonetes, galerias (como a do Rock e a Nova Barão), entre outros; servem de pontos de encontro e de abastecedores de demandas específicas, como doces e creme dental livres de crueldade, livros camisetas sobre veganismo, etc.

No que diz respeito à sobriedade, existe um desafio, muito sutil, sobre o entendimento do que é ser straight edge hoje, no século XXI (mais de três décadas após a música do Minor Threat e o início do movimento). Vale a pena discutir um pouco a questão do que é ser straight edge para essas pessoas e os princípios inclusos nessa auto-identificação, já que consiste em um dos alicerces da Verdurada, junto ao veganismo. Ouvi bastante ser sXe no Brasil é bem diferente de sê-lo em outros países, principalmente nos Estados Unidos: aqui, segundo os entrevistados, houve uma cooptação dos ideais centrais do movimento e uma readaptação à realidade brasileira, dando um peso muito grande ao viés político - e não ao mero consumo musical e à sobriedade. Essa questão também está intimamente entrelaçada com a discussão sobre crescer e envelhecer dentro da subcultura dominada por jovens, ao mesmo tempo em que a vida fora dela vai ganhando responsabilidades cada vez maiores.

Há sempre uma grande discussão em torno da durabilidade da identidade straight edge (que muitos acreditam não passar dos 21 anos de idade), já que as pessoas crescem, ganham cada vez mais

⁹ Espaço localizado na Rua Nestor Pestana, no centro de São Paulo, onde ocorreram diversas Verduradas entre 2011 e 2012.

responsabilidades, começam a frequentar outros ambientes, trabalham, tem família e filhos, e assim, aos poucos vão abandonando a cena hardcore e ocasionalmente seu compromisso com o não-consumo de álcool e drogas. Contudo, nota-se que no caso da Verdurada há muitas pessoas (principalmente no Coletivo) que já passaram dos trinta anos de idade e continuam sendo straight edge e ativamente envolvidos na cena, seja com a organização dos festivais ou mesmo com bandas.

Conversando com as pessoas do Coletivo¹⁰, percebe-se certa uniformidade na percepção do que é ser straightedge e permanecer na cena, trabalhando ativamente por ela e organizando os festivais. Muitas pessoas citam problemas prévios com consumo de álcool e drogas, mas de qualquer forma é uma escolha individual que acaba tendo o respaldo do grupo, e está, para eles, intimamente ligado à ideia de autonomia e libertação:

Pra mim o SxE combina com a ideia do punk de faça-você-mesmo, de não esperar nada do governo, nada pronto, ir atrás do que você quer, que é possível fazer melhor do que isso; se desligar um pouco do *status quo*, saber diferenciar o que a mídia fala, ter diferentes pontos de vista, não ficar preso no que - não gosto dessa palavra - o sistema cria, ter uma vida independente. Isso também faz parte da minha visão de não usar drogas. Beber, por exemplo, é visto como o caso mais exemplar de rito de passagem para o mundo adulto: se você não bebe, não tá vivendo plenamente, não tá se divertindo, não é adulto. (...) Eu não tô sustentando empresas gigantes, conglomerados que fazem bebida alcoólica, que fazem cigarro. (D.M., 31 anos)

É uma escolha pessoal; não bebo, não fumo, não consumo drogas legais ou ilegais. Pra mim, é uma escolha pessoal que faz bem pra mim (...) Eu não acredito nessa forma de straightedge como *Wolf Pack* ou uma matilha de lobos, todos juntos, irmanados. É até legal, eu não vou negar, mas pra mim não funciona assim, é uma coisa individual, na minha visão. É a maneira que escolhi viver, que me dá condições de me sentir pleno. Eu detesto qualquer situação em que as pessoas sejam colocadas como submissas às outras, e acho que se eu não tiver controle sobre as minhas próprias vontades, então não tenho controle sobre mim mesmo. Isso é o que me norteia. (M.F., 38 anos)

Para P.C. (34 anos), um dos motivos da popularidade do straightedge aqui no Brasil em relação a outros países é seu surgimento quase repentino, já que nos anos 1990 vieram várias bandas straightedge famosas que conquistaram as pessoas com suas mensagens de viver sobriamente. Trata-se de um meio vibrante e produtivo em que sempre tem algo acontecendo e que por sua trajetória, já permite que uma geração influencie a outra, sem desaparecer ou decair – principalmente por causa do viés político. Ele ainda acredita que um dos responsáveis por manter o straight edge consolidado no Brasil é a Verdurada, que passa uma sensação de continuidade do movimento. Nesse contexto, ser straight edge é uma forma de controle de si e de sua produção

¹⁰ Procurou-se manter o anonimato dos entrevistados, aqui representados pelas suas iniciais. As entrevistas foram conduzidas entre 2011 e 2013, na cidade de São Paulo, e as idades correspondem a idade da pessoa quando ela foi entrevistada.

cultural, ao mesmo tempo em que significa se opor à noção do álcool e da droga como objeto ligado à rebeldia, e ao escapismo promovido por essas substâncias:

Sou SxE desde 95, faz 17 anos. É uma coisa muito simples, é a versão do punk – sendo seco – e do hardcore que não usa drogas e não bebe. E pra mim a ligação entre as duas coisas é que o punk tem a ver com autonomia, com você ter controle direto sobre sua produção cultural e o meio onde você produz. E de certa forma o SxE é isso em relação ao modo de vida, ao corpo, ao seu “espírito” (não no sentido metafísico), à sua vida de maneira geral. Outra coisa importante pra mim no SxE é você desmitificar a questão da droga como uma coisa que tem a ver com rebeldia, sabe? Você refutar o clichê da droga ser sinônimo de liberdade e falar que por um motivo ou outro você não gosta de se drogar ou beber, não faz você deixar de ser punk, roqueiro, o que você quiser. O punk é uma coisa pra você fazer suas próprias regras, acho que o ponto mais importante é esse, e você não tem que seguir uma regra que diz que você tem que se drogar ou qualquer outra coisa do tipo. Pra quem concorda com Sxe, uma ótima maneira de seguir suas próprias regras é estar sóbrio. (...) A gente faz um show que o foco não é vender nada, ou em que as pessoas não vão pra se entorpecer e pra ficar fora de si. É um evento em que as pessoas vão pra interagir umas com as outras, ter uma experiência intensa do evento e da música em si. A gente não tá lá pra vender bebida, a gente tá lá pela música mesmo, e a socialização não é baseada em escapismo, é uma socialização baseada em troca de experiências. É você tá lá vivendo aquilo naquele momento, intensamente, em contato com os outros – porque o mundo que a gente vive atomiza o indivíduo e fazem as pessoas ficarem isoladas, e o hardcore é um certo antídoto a isso. A droga e o álcool dificultam um pouco essa ligação entre as pessoas. (P.C., 34 anos)

Esse trecho da entrevista traz à tona uma discussão sobre a sobriedade como forma de sentir o mundo de modo mais controlado, do show ser uma troca de experiências, e de como as substâncias como álcool e drogas dificultariam a interação humana nesses processos. Apesar da escolha ser individual, a vivência do straight edge se dá coletivamente. Para I.C (22 anos), não se trata de um estilo de vida – assim como visto anteriormente, Ian MacKaye (KUNN, 2010) também acha que não escolheu ter um estilo de vida, ser straight edge seria a própria vida:

É você estar envolvido com punk e não precisar de nenhuma substância, de nada que tire você do seu estado normal. E para mim uma definição simples do SxE é um hardcore punk livre de drogas. Eu não tenho um estilo de vida, as pessoas que bebem é q tem um estilo de vida. Eu vivo normalmente porque eu não preciso disso, não sinto essa vontade. Isso não me faz melhor do que ninguém e não acho que não possa me relacionar com as pessoas por causa disso. Eu vivo normal e me sinto bem por não consumir nada. Mas é um lance pessoal. (...) Desde moleque eu nunca gostei. Eu já tive muitos problemas com bebida em casa mesmo e sempre foi uma coisa que abominei. (...) Conhecendo o SxE eu vi que aquilo era a vertente do hardcore e punk que eu mais me identificava. Quando vi a letra “Straight edge” do Minor Threat, falei: é assim que acho legal e quero ser assim. Vejo isso como uma coisa positiva pra mim; deixou de fazer parte de um grupo. (I.C., 22 anos)

5 – Considerações finais

As noções de consumo e não-consumo estão estreitamente ligadas à construção e delimitação da identidade dos straight edgers, assim como na manutenção das relações que os unem à subcultura sXe e à a Verdurada. O consumo como fato social esta presente na sua ausência, na abstinência do consumo de álcool e drogas – como acontece com o straight edge em todo o mundo – e principalmente, na adoção e prática diária do veganismo, muito importante na subcultura brasileira. No entanto, ele também se faz presente, dessa vez de modo ativo, nos momentos e locais de sociabilização desses jovens. Os shows são espaços onde se vendem e se trocam produtos (com a lógica DIY ou não), e fora deles os principais espaços de convívio são, em sua maioria, espaços de consumo – lojas de amigos, restaurantes que oferecem comida vegetariana/vegana, galerias com lojas de produtos livres de crueldade, etc. Pode parecer contraditório, ao primeiro olhar, que uma subcultura que se originou entre os princípios do punk – de enfrentamento e questionamento da sociedade que os cercava – defina-se em grande parte a partir de práticas de (não)consumo; porém, essa contradição desaparece quando percebemos o consumo como uma prática de construção de identidade, um processo que vai muito além das relações de consumo do sistema capitalista. Além disso, tanto a sobriedade quanto o veganismo estão intimamente ligados à produção musical straight edge e às dinâmicas dos festivais, dando um caráter quase ritualístico à interação pessoal e agregando outras formas de viver e sentir tanto a música quanto os shows.

Bibliografia

BITTENCOURT, J. B. M. 2011. Nas encruzilhadas da rebeldia: etnografias dos straight edges em Sao Paulo. Tese do doutorado. Campinas: Unicamp.

DURING, S. 2005. Cultural studies: a critical introduction. New York: Routledge.

FREIRE FILHO, J., LINHARES, T. 2009. Vidas regradas: Configurações da moralidade dentro da subcultura straight edge. In: BORELLI, H.S., FREITAS, R. F. (Orgs.). Comunicação, narrativas e culturas urbanas. Sao Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: UERJ.

GELDER, K. 2005. The Subcultures Reader. 2nd Edition. New York: Routledge.

HAENFLER, R. 2004. Rethinking subcultural resistance: Core values of the straight edge movement. Journal of Contemporary Ethnography, Vol. 33: 406-436.

_____. 2009. Straight Edge: Clean living youth, hardcore punk, and social change. New Jersey: Rutgers University Press.

HALL, S., JEFFERSON, T. (Orgs.). 2003. Resistance through rituals: Youth subcultures in post-war Britain. London: Routledge.

HANOUE, M. FRIJINS, J. P. 2009. The Past The Present 1982-2007: A history of 25 years of European straight edge. Haarlem/Amsterdam: Refuse Records.

HEBDIGE, D. 2002. Subcultures: The meaning of style. London: Routledge.

KUHN, G. 2010. Sober living for the revolution: Hardcore punk, Straight Edge and radical politics. Oakland: PM Press.

LAHICKEY, B. 2007. All ages: Reflections on Straight Edge. Huntington Beach, California: Revelation Books.

LINHARES, T. 2011. Consumo, Resistência e Subjetividade: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MANTESE, B. 2005. Os straightedges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – FFLCH/USP. São Paulo.

_____. 2007. Straight edges e suas relações na cidade. In: MAGNANI, J. G. C., MANTESE, B. (Orgs.) Jovens na metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

McNEIL, L., McCAIN, G. 2006. Please kill me: The uncensored oral history of punk. New York: Grove Press.

OLIVEIRA, R. C. 2011. Do punk ao hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil. Temporalidades: revista de História, v. 3: 127-140.

STEWART, F. 2012. We Sing For Change: Straight Edge Punk and Social Change. United Academics Journal of Social Sciences. Vol 2, No. 12.

WILLIAMS, J. P. 2006. Authentic identities: straightedge subculture, music and the internet. Journal of Contemporary Ethnography, Vol. 35, no. 2: 173-200.

WOOD, R. 2006. Straightedge Youth: Complexity and contradictions of a subculture. New York: Syracuse University Press.

Discografia

MINOR THREAT. In My Eyes. 1981. Dischord Records, 7" EP, Estados Unidos.

MINOR THREAT. Minor threat. 1981. Dischord Records, 7" EP, Estados Unidos.

MINOR THREAT. Out of Step. 1983. Dischord Records, 12" EP, Estados Unidos.

STILL X STRONG. Awake and Disturbed. 2011. Seven Eight Life, EP, Brasil.

Filmografia

AMERICAN HARDCORE; Direcao: Paul Rachman. United States of America: Sony Pictures Home Entertainment, 2007 (100min), son, color.

BOTINADA: A origem do punk no Brasil; Direcao: Gastao Moreira. Sao Paulo: ST2 video, 2006 (110min), son, color.